

---

PRICE, Richard. *The convict and the colonel*. Boston: Beacon Press, 1998. 284 p.

*Carlos Alberto Steil*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil*

O livro de Richard Price *The convict and the colonel* soa como uma música, tirada de um velho acordeon da Martinica – segundo a percepção do próprio autor – “que se abre e fecha, encolhendo algumas coisas, aumentando outras e, neste processo, fazendo música”. A trajetória de um personagem popular da primeira metade deste século – Médard Aribot – reconstituída através da investigação histórica e da pesquisa etnográfica, permite a Price contrapor-se à visão intelectualista de que o povo não tem memória. Aí lembranças populares sobre Médard guardam, segundo o autor, traços e fragmentos de um passado que se revela significativo, mesmo que subterrâneo, e que permite a estas pessoas se inserirem no mundo. Assim, já num artigo escrito em 1985, Price escrevia que a narrativa popular sobre Médard formava “um capítulo central da história moderna da Martinica, embora seu registro escrito não fosse encontrado em lugar algum”.

A primeira parte do livro, denominada “La Guerre du Diamant”, descreve uma eleição local na Martinica, na cidade de Diamant, durante a qual as forças coloniais e os grandes proprietários rurais metralharam uma dezena de pescadores e camponeses. A multidão que no dia 25 de maio de 1925 se comprimia em frente à prefeitura, reivindicando o direito de voto, segurava acima de suas cabeças uma estátua de madeira, a efígie do candidato de direita à eleição: um militar reformado, membro da classe branca de grandes fazendeiros, um certo Coronel Maurice de Coppens, que ordenara o próprio massacre dos cidadãos. Este é, na verdade, o coronel do título do livro de Price. O condenado, Médard Aribot, foi quem fez a estátua do coronel. Uma estátua tão perfeita que, segundo o depoimento de populares, foi a razão pela qual Médard foi mandado para a colônia penal, na Guiana Francesa.

As fontes usadas por Price nesta primeira seção são documentos de arquivo, obras literárias, jornais da época e entrevistas com os sobreviventes na

faixa dos oitenta anos. A maior parte do texto e das fotos são apresentados em duas colunas – as palavras dos socialistas na coluna da esquerda, as palavras dos colonialistas na da direita.

Temos em seguida uma seção em que o autor inicia com uma discussão sobre o significado de propriedade para os moradores locais, que enfatizam que crime é roubar dos pobres, de outras pessoas da comunidade. Subtrair algo de um engenho de cana, ou das companhias pertencentes aos brancos, era visto antes como estar tomando aquilo a que se tinha direito. A partir destes dados, Price procura compreender o lugar que Médard ocupava na memória popular. Afinal, parte de sua fama reside justamente na sua habilidade para acumular mercadorias subtraídas das lojas elegantes da cidade e dos engenhos locais.

Desde jovem, Médard roubava todo tipo de bens básicos que eram armazenados numa caverna escondida perto do mar, onde morava, e que em seguida eram vendidos ou doados. Ao lado desta prática, que não deve ser identificada como a de um Robin Hood, embora guarde algumas semelhanças, Médard se dedicava à criação artística. Ele esculpia em madeira, com grande perfeição, seu tema favorito: os grandes navios que via passar no mar. Foi ainda neste período que Médard fez sua estátua do Coronel, a escultura que fora levantada, em 1925, em Diamant. Em 1932, Médard foi enquadrado numa das mais draconianas leis da França, criada para limpar as ruas das metrópoles de pequenos criminosos, e enviado para a colônia penal da Guiana.

A seção seguinte trata da colônia penal na Guiana Francesa (a ilha do Diabo). Pesquisando nesta instituição, Price consegue encontrar registros oficiais detalhados de Médard na prisão, que foram completados por informações coletadas de pessoas que o conheceram.

O livro de Richard Price, no entanto, não está apenas preocupado em reconstituir a trajetória de seu personagem, ou mesmo em escavar as camadas escondidas de história registradas na língua, nos provérbios, nas metáforas e na geografia local. O recorte de um período de investigação que vai de 1978, quando ouviu pela primeira vez falar em Médard, até os dias de hoje, permite a Price captar, através das sucessivas narrativas sobre seu personagem, as transformações que estão ocorrendo na ilha neste período. De forma que, grande parte do livro é uma análise das reações à história de Médard durante os últimos anos.

Assim, no final dos anos setenta, para os camponeses, pescadores e artesãos de toda a costa sul da Martinica, a excêntrica casa de Médard em ruínas, junto ao mar, evocava a lembrança da sua resistência à dominação colonial. Hoje, no entanto, poucas pessoas com menos de cinquenta anos são capazes de lembrar qualquer coisa sobre Médard ou que um dia houve uma “guerra” em Diamant. Aquilo que há duas décadas era visto como uma história de resistência heróica ao opressor, está hoje desprovido de significado -ao menos desse tipo de significado.

A modernização, em boa parte imposta pela metrópole, parece atingir de forma capilar toda a ilha, com um enorme efeito destrutivo sobre a consciência e a identidade dos setores sociais que até recentemente ainda resistiam à dominação colonialista. Como mostra Price, a cultura da Martinica passa por um processo de “folclorização do colonialismo” ou de “transformação do passado em cartão postal”. De modo que, nestes últimos anos, todas as lojas de souvenirs da capital da Martinica começaram a vender postais intitulados “A Rocha do Diamante e a lendária Casa do Condenado”. Esta casa foi inclusive incorporada ao patrimônio cultural da ilha, vindo a ilustrar a capa do último guia turístico da cidade.

O livro descreve, então, de uma forma crítica, como os martinicanos estão se apropriando de produtos e símbolos do exterior e transformando-os em seus, ao mesmo tempo que seletivamente vão esquecendo e transformando parte do seu passado coletivo. O autor conclui, no entanto, que se a memória anticolonialista associada a Médard recuou, quase ao ponto de apagar-se, notícias recolhidas na imprensa e eventos culturais que buscam reconstituir a sua história, apontam para a possibilidade e uma reinvenção deste passado. E conclui que “somente um etnógrafo imprudente poderia estar certo de que Médard e a Guerre du Diamant nunca emergirão da sua aparência exterior de folclore, tomando seu lugar como parte da experiência histórica mais rica que faz da Martinica e do seu povo tudo o que são, ou podem vir um dia a ser”.

Feita esta breve apresentação do conteúdo do livro, gostaria de pontuar algumas questões de método e estilo que chamam particularmente a atenção no livro de Price. A primeira, se refere ao fato de que o autor se coloca, desde o início, como parte da investigação. Trata-se, portanto, de um texto onde o autor se revela, sem medo de se expor, porque se reconhece parte da história que está narrando. Sua narrativa testemunhal, enfatizando as “modernidades que

vivenciou”, cria de imediato uma afinidade com o leitor, que possivelmente também presenciou transformações semelhantes em sua trajetória de vida. Assim, para falar “das modernidades” da Martinica, parte de suas impressões de menino e adolescente nos Estados Unidos.

Mas a “exposição” de Price vai mais longe e revela sua paixão por Sally (sua mulher), nos anos 60. E, então, suas “cartas de amor”, escritas desde o campo, se tornam uma fonte preciosa para interpretar hoje o sentido das mudanças que ocorrem ao longo destes anos em que pesquisa e vive na ilha. De forma que, para o autor não se trata apenas de revisitar seu diário de campo, onde havia registrado suas anotações, censuradas pelas regras do método etnográfico, aprendido na academia, mas também de evocar suas emoções e seus sentimentos, expressos nas cartas tão pessoais, resultando num texto quase autobiográfico.

Outro aspecto que gostaria de apontar no livro diz respeito à relação fecunda que Price estabelece entre antropologia e literatura. Seu texto mistura ingredientes autobiográficos com narrativas históricas, fontes literárias, dados etnográficos, documentos e fotos de arquivo. De modo que o leitor se depara com uma obra que pode ser identificada com o que Glifford Geertz chamou de gêneros confusos.

Temos aí, um esforço bem sucedido onde o texto antropológico se apresenta como uma peça literária que sobressai por seu estilo e beleza. No entanto, Price vai além das preocupações literárias, procurando desvendar a insanidade da experiência colonial, ao mesmo tempo que chama a atenção para a complexidade do mundo pós-colonial, no qual a memória é reinventada de acordo com as demandas da sociedade de mercado. Inclui-se, assim, entre os antropólogos que não param na ficção, buscando, ao contrário, “descobrir a verdadeira identidade de nosso tempo”.

Destacaria, ainda, a relação que Price constrói entre antropologia e história. Contra aqueles que afirmam que os camponeses e pescadores da Martinica vivem uma “amnésia coletiva”, Price vai buscar “as camadas escondidas de história” que foram guardadas através das narrativas construídas em torno da figura de Médard. Trata-se, na verdade, de um processo de construção da memória coletiva através de uma “história que se faz mito” (Levi-Strauss).

A narrativa de Price sobre Médard como “aquele enigmático e silencioso escultor que morreu há uma década (1970), e foi enviado para a prisão

por ter feito uma perfeita “foto” (uma escultura em madeira) do Coronel de Coppens”, poderia ainda remeter-nos ao mito de Prometeu, que tentou roubar o fogo do Olimpo, para se tornar igual aos deuses. Assim, poderíamos ver em Médard uma metáfora dos países colonizados: condenados ao subdesenvolvimento por buscarem imitar, de um modo perfeito, suas metrópoles. Neste sentido, é bastante estimulante um quase “ato de fé” que Price faz de que Médard e a guerre du Diamant poderão vir a emergir do processo de folclorização e de esvaziamento a que este fato está submetido pela história oficial. E, é justamente este trabalho de escavação da memória coletiva, “subterrânea”, que Price realiza em seu livro.

Enfim, o livro de Price pode ser classificado entre as etnografias denominadas pós-modernas, tanto pela mistura de gêneros, épocas e vozes que aparecem na sua narrativa, quanto pela forma inovadora da disposição do texto nas páginas do livro. O leitor se vê continuamente lançado para frente e para trás, no tempo e no espaço, como dentro de uma fascinante novela de ficção. Tudo isto, no entanto, ancorado numa sólida análise da cultura e das diferenças sociais que marcam a sociedade da Martinica.